



Olhares quase modernos

Dinâmica 4

3ª Série | 1º Bimestre

Professor

DISCIPLINA	SÉRIE	CONCEITOS	OBJETIVO
Língua Portuguesa	3ª do Ensino Médio	Elementos da linguagem Pré-Modernista na crônica.	Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.

DINÂMICA	Olhares quase modernos
HABILIDADE PRINCIPAL	H13 – Relacionar características do texto à tradição literária em que se inscreve e/ou ao contexto social.
HABILIDADES ASSOCIADAS	H12 – Reconhecer características do texto poético.
CURRÍCULO MÍNIMO	Relacionar os modos de organização da linguagem às escolhas do autor, à tradição literária e ao contexto sociocultural de cada época.

Professor/a, nesta dinâmica, você desenvolverá as seguintes fases com seus alunos:

ETAPAS	ATIVIDADE	TEMPO ESTIMADO	ORGANIZAÇÃO	REGISTRO	
1	Lendo e discutindo.	Apresentação da dinâmica e discussão dos temas.	30 min	Toda a turma.	Oral/coletivo.
2	Análise do texto, exercícios e sistematização.	Trabalhando em grupo, resolvendo questões.	30 min	Grupos de 4 alunos.	Oral /Escrito.
3	Autoavaliação	Questões de múltipla escolha.	20 min	Individual.	Escrito.
4	Etapa Opcional	Produção textual.	Critério do professor	Individual.	Escrito.

Recursos necessários para esta dinâmica:

- Textos e fichas de leitura disponíveis nos materiais do professor e do aluno.

ETAPA 1 LENDO E DISCUTINDO

APRESENTAÇÃO DA DINÂMICA E DISCUSSÃO DOS TEMAS



Apresentação

Entender que a feição da língua e seu uso têm relação direta com o contexto social e histórico é fundamental para se formar um leitor proficiente. Da mesma forma, compreender a relação intrínseca entre a produção artística e o entorno ajuda a derrubar o mito do artista absolutamente genial e tocado por Deus, que escreve, compõe ou elabora qualquer outra modalidade artística como se isso fosse obra unicamente de sua percepção superior.

Nesta dinâmica, nosso foco será exatamente a investigação do uso da linguagem na literatura com base em conhecimentos, inquietações, fatos e outros elementos relevantes no mundo da cultura. Veremos como a crônica pré-modernista se ocupa do entusiasmo pela modernização da vida urbana, de modo que o aluno seja levado a relacionar o espírito e as questões que permeiam o momento pré-modernista à crônica de João do Rio.

Os exercícios presentes na etapa 2 sinalizam exatamente estes dois pontos importantes: a relação entre a linguagem – seleção vocabular e estruturação sintática e morfológica – e o momento histórico; a elaboração artística (poética) da linguagem na crônica literária.

A autoavaliação focaliza um pouco dos conhecimentos sobre o pré-modernismo. A etapa opcional aposta na reflexão do aluno relativamente ao problema cotidiano do menino de rua, que é tematizado por João do Rio em sua crônica.

Escrever é uma forma de construir a própria identidade. Muitos de nós possuímos um caderno ou bloco onde registramos nossas impressões sobre o mundo e sobre nós mesmos. Em alguns momentos escrevemos poesia, em outros, relatamos nosso dia a dia na expectativa de encontrar algum sentido para as coisas ao nosso redor e dentro de nós. No passado, era muito comum as pessoas manterem diários. Hoje, com o avanço tecnológico e a internet, redes sociais e blogs cumprem a importante função de localizar seus usuários e escritores num determinado lugar na sociedade. Esses espaços de escrita trazem as marcas do discurso próprio desses enunciadorees, que ora os identificam com um grupo específico, ora os destacam da multidão através de características singulares.

A literatura, como um bem cultural, também cumpre um papel na construção da identidade. Porém, além de atribuir sentido ao lugar do escritor no mundo, por ser uma produção compartilhada coletivamente, elabora também os sentidos e as identidades da própria sociedade, sinalizando as mudanças históricas e seu impacto sobre as pessoas envolvidas nessas mudanças. O texto literário, assim como os diários, blogs e similares, também está cheio de marcas do seu tempo, ou seja, de escolhas, impressões e abordagens constituintes da sociedade do qual é produto artístico, expressando as inquietações, as perguntas, as alegrias e as expectativas de quem vive em determinado momento e ainda não sabe bem qual é o seu lugar.

O gênero textual que funciona como um dos melhores parâmetros do movimento de construção de identidade social é a crônica literária. Vamos ler a seguir um fragmento de uma crônica de um dos maiores cronistas brasileiros da virada do século XIX para o XX, o escritor João do Rio. Suas crônicas sobre a vida urbana na cidade do Rio de Janeiro em plena fase de adaptação ao sistema republicano nos dão uma ideia sobre a elaboração da nova identidade dessa cidade, deixando para trás as características de capital imperial e buscando sintonizar-se com a modernização já em vigor na Europa. Veja como o olhar do cronista se detém sobre a natureza das ruas como se elas fossem entidades orgânicas, tendo vida própria e dando vida à cidade.

Condução da atividade

- *Faça a apresentação da dinâmica, lendo em voz alta a introdução.*
- *Aborde de forma generalizada o contexto sociocultural do Pré-Modernismo e situe a crônica como indicador imediato das mudanças sociais e políticas.*
- *Solicite a um aluno que leia o texto em voz alta, se achar conveniente.*
- *Peça que exponham suas impressões sobre o conteúdo da crônica, destacando o olhar lançado sobre a cidade em geral e o Rio de Janeiro em particular.*
- *Estimule-os a mencionarem aspectos do texto peculiares àquele momento de enunciação.*
- *Solicite que os alunos exponham os pontos que mais lhes chamaram a atenção no texto de João do Rio.*
- *Estabeleça um tempo para as expressões dos alunos e controle-o.*



Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

A escolha do texto, o debate e a contextualização têm o objetivo de estimular a leitura crítica. Os alunos deverão perceber que, ao lerem um texto literário, estão entrando em contato com um recorte do mundo social e histórico no qual ele foi gerado. Isso implica entender que a literatura também é construção de conhecimento, para além do prazer que a leitura possa proporcionar. No caso da crônica escolhida, mostre como a fascinação do cronista pelas ruas se compatibiliza com as mudanças de visão de mundo próprias do momento de transição entre tradição e modernidade. Comente sobre os efeitos da proclamação da República, que levou a cidade do Rio de Janeiro a competir pelo status de cidade moderna, cujo parâmetro era Paris. Fale sobre as reformas sofridas pelo Rio, que tiveram o objetivo de mudar a arquitetura da cidade, para que ela assumisse o padrão europeu – o famoso “bota-abaixo”, que levou à desapropriação dos cortiços para a abertura de largas avenidas e a construção de prédios semelhantes aos da França, originando as favelas em decorrência do êxodo das populações mais humildes para as periferias da cidade. Contextualize esse movimento de fachada, informando que as contradições de uma mudança brusca e violenta persistiam e apareciam nas crônicas e nos contos: a convivência entre burgueses e ex-escravos sem ofício, o surgimento de ocupações sem qualificação, o aumento da marginalidade, o aparecimento dos malandros. A leitura do texto de João do Rio serve, justamente, para localizar o espaço de

estupefação diante da nova realidade ainda não assimilada dentro do discurso literário. A louvação do movimento da rua e sua dinâmica vertiginosa, ao mesmo tempo, convivem com a exposição das contradições daquele mundo naquele momento, em situação de convergência com a elaboração do discurso da modernidade.

Aproveite para destacar os elementos particulares da crônica e levar os alunos a relacionarem-nos às particularidades da escrita pré-modernista. Mostre como a prosa é fluida, mas também entremeada de expressões e palavras distantes de nossa realidade. Comente a estrutura de apelo direto ao leitor, conferindo ao texto um viés coloquial, e destaque os fatores de oralidade que ele apresenta. Isso se relaciona ao espírito jornalístico que se desenvolve vertiginosamente naquele momento de primeira incursão na modernidade. Os alunos devem entender que é um tempo de redefinições em que o país está à procura de uma nova face, cujo delineamento será tomado como projeto logo depois, no Modernismo. Por isso, é importante que fique claro que o termo Pré-Modernismo é uma facilitação didática, para que possamos nos referir àquele momento de transição com facilidade. Na verdade, o período que se estendeu do final do século XIX até a Semana de 22 foi uma fase conturbada política, econômica e culturalmente, correspondendo a uma impossibilidade total de se estabelecer a imagem do Brasil. Os interesses dos artistas e intelectuais convergiam para o mesmo ponto: entender a posição do país diante do desafio moderno. As formas e os enfoques, no entanto, foram os mais variados. A crônica A rua, que compõe esta dinâmica, oferece apenas um recorte possível do movimento de pensar o Brasil como questão.

Para que a leitura seja significativa, no entanto, os alunos precisam encontrar no texto elementos de identificação. Instigue-os a traçarem paralelos entre a realidade destacada pelo cronista e a experiência da rua que temos hoje. É possível perceber elementos comuns entre a rua de João do Rio e a rua de hoje? O que se pode entender da declaração de que a rua “Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios”? Chame a atenção para o elemento poético de caracterização da rua. Embora estejamos diante de uma crônica, o autor abusa dos recursos estilísticos para apresentar seu olhar sobre a rua. Destaque as metáforas e personificações que pontuam inteiramente a crônica, mencionando que elas transformam em linguagem o olhar afetivo de João do Rio sobre a rua que, como conceito, ele afirma amar na abertura do texto. Os alunos deverão se recordar de que esse procedimento é próprio da arte: transformar o estranhamento diante do mundo, como experiência particular e original, em uma linguagem que poderá ser apresentada ao público para sua fruição. No caso da crônica de João do Rio, o procedimento serve bem ao propósito de sinalizar o entusiasmo do cronista diante da modernidade, mesmo quando ele menciona aspectos não tão agradáveis do processo de modernização. Por exemplo, traga à tona a composição da figura do pivete. O menino de rua, que os alunos deverão conseguir identificar, é apresentado a partir de uma ambiguidade que atenua sua existência como efeito colateral do crescimento desordenado da cidade: “um tipo (...) feito de risos e de lágrimas, de patifarias e crimes irresponsáveis” e “poeira d’oiro que se faz lama e torna a ser poeira”. Revela-se no discurso do autor um sentimento de simpatia pelo menino de rua que deverá ser explorado durante a discussão do texto.

TEXTO

A Rua

(Fragmento)

EU AMO A RUA. Esse sentimento de natureza toda íntima não vos seria revelado por mim se não julgasse, e razões não tivesse para julgar, que este amor assim absoluto e assim exagerado é partilhado por todos vós. Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais; nas cidades, nas aldeias, nos povoados, não porque soframos, com a dor e os desprazeres, a lei e a polícia, mas porque nos une, nivela e agrêmia o amor da rua.

(...) a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (...) a rua é a agasalhadora da miséria. Os desgraçados não se sentem de todo sem o auxílio dos deuses enquanto diante dos seus olhos uma rua abre para outra rua (...).

A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. (...) A rua é a eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a aurora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, e quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é (...) tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça, tipo diabólico que tem, dos gnomos e dos silfos das florestas, tipo proteiforme, feito de risos e de lágrimas, de patifarias e de crimes irresponsáveis, de abandono e de inédita filosofia, tipo esquisito e ambíguo com saltos de felino e risos de navalha, o prodígio de uma criança mais sábia e cética que os velhos de setenta invernos, mas cuja ingenuidade é perpétua, voz que dá o apelido fatal aos potentados e nunca teve preocupações, criatura que pede como se fosse natural pedir, aclama sem interesse, e pode rir, francamente, depois de ter conhecido todos os males da cidade, poeira d'oiro que se faz lama e torna a ser poeira – a rua criou o garoto!

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997, pp. 28–31.

VOCABULÁRIO	
Agremia	do verbo agremiar; juntar num mesmo grupo.
Canteiros	pedreiros responsáveis pelas construções com pedra.
Frontarias	fachada principal; frente.
Melopeia	melodia; canção melodiosa.
Silfos	seres mágicos do ar presente em mitologias europeias.
Proteiforme	que muda de forma frequentemente.
Potentados	majestades; maiores; pessoas de grande poder.

Paulo Barreto (João P. Emílio Cristóvão dos Santos Coelho B.; pseudônimo literário: João do Rio), jornalista, cronista, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 5 de agosto de 1881, e faleceu na mesma cidade em 23 de junho de 1921.

Era filho do educador Alfredo Coelho Barreto e de Florência Cristóvão dos Santos Barreto. Fez os estudos elementares e de humanidades com o pai. Aos 16 anos, ingressou na imprensa: em 1918, estava no jornal Cidade do Rio, ao lado de José do Patrocínio e o seu grupo de colaboradores. Surgiu, então, o pseudônimo de João do Rio, com o qual se consagraria literariamente. Seguiram-se outras redações de jornais, e João do Rio se notabilizou como o primeiro homem da imprensa brasileira a ter o senso da reportagem moderna. Começou a publicar suas grandes reportagens, que tanto sucesso obtiveram no Rio e em todo o Brasil, entre as quais “As religiões no Rio”. Seus livros ainda hoje são leitura proveitosa como excelente fonte de informações acerca do movimento literário do final do século XIX no Brasil.

Nos diversos jornais em que trabalhou, granjeou enorme popularidade, sagrando-se como o maior jornalista de seu tempo. Usou vários pseudônimos, além de João do Rio, destacando-se: Claude, Caran d’ache, Joe, José Antônio José. Como homem de letras, deixou obras de valor, sobretudo como cronista. Foi o criador da crônica social moderna. Deixou obra vasta, mas efêmera, que de modo algum corresponde à imensa popularidade que desfrutou em vida. Ao falecer, era diretor do diário A Pátria, que fundara em 1920.

Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em: 6 dez. 2013. Texto adaptado.



ETAPA 2

ANÁLISE DO TEXTO, EXERCÍCIOS E SISTEMATIZAÇÃO



TRABALHANDO EM GRUPO, RESOLVENDO QUESTÕES

Agora que já discutimos alguns pontos importantes sobre a linguagem e o conteúdo da crônica A rua, vamos trabalhar em grupo. O professor organizará grupos de quatro pessoas. Fica bem mais fácil pensar coletivamente. Um membro do grupo deve ser escolhido para fazer a leitura em voz alta para os demais. Em seguida, todos tentarão resolver as questões componentes desta fase. Na hora da socialização das respostas, o professor poderá solicitar que cada membro do grupo apresente um dos itens dos exercícios, de maneira que todos poderão participar.

Não se esqueça: o trabalho é em grupo, mas todos na turma estarão executando a mesma tarefa, portanto, é necessário manter a ordem em respeito aos colegas; ainda que as atividades sejam coletivas, cada um deve registrar as respostas no seu próprio material. Ah! O professor está à disposição para dar orientações e esclarecer dúvidas.

Mãos à obra!

Condução da atividade

- *Organize a turma em grupos de até quatro alunos.*
- *Pontue a necessidade de cada um realizar seus registros, embora estejam em grupo.*
- *Auxilie durante a realização da tarefa, se for necessário.*
- *Defina um tempo para cada atividade (realização dos exercícios, apresentação das respostas e sistematização do conteúdo) e administre-o corretamente.*
- *Fique à disposição e circule pela sala durante a realização dos exercícios.*
- *Utilize o momento de correção das respostas como oportunidade para esclarecer dúvidas.*
- *Estimule a participação do maior número possível de alunos.*
- *Faça intervenções elogiosas, pois a autoestima calibrada favorece a aprendizagem.*
- *Corrija erros conceituais ou compreensões equivocadas com tato.*
- *Parta da correção dos exercícios para a sistematização do conteúdo.*
- *Chame a atenção dos alunos para a sistematização formal componente desta fase.*



1. A transição entre o século XIX e o XX no Brasil significou também a mudança entre a valorização da tradição, compatível com um sistema de governo monárquico, e a exaltação da modernidade, relacionada ao sistema republicano. O texto que lemos traz uma parcela desse entusiasmo ao louvar a rua.

Entre as opções a seguir, marque aquelas em que o cronista deixa claro seu olhar positivo sobre a vida urbana.

() “EU AMO A RUA.”

() “Nós somos irmãos (...) porque nos une, nivela e agremia o amor da rua.”

() “Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres.”

() “A rua (...) é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas.”

2. Pense e responda. Que relação existe entre a valorização da rua e a valorização da modernidade?

3. As palavras e expressões selecionadas por um escritor estão de acordo com seu momento histórico, porque a língua também se encontra no movimento de uso e transformação. Identifique as declarações a seguir que contêm termos ou expressões próprios do início do século XX.

() “Nós somos irmãos, nós nos sentimos parecidos e iguais.”

() “Há suor humano na argamassa do seu calçamento.”

() “haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem.”

() “a rua criou um tipo universal (...) poeira d’ouro que se faz lama.”

() “A rua sente nos nervos essa miséria da criação.”

4. A crônica literária recebe essa classificação porque o cronista lança mão de muitos recursos da linguagem poética, resultando em textos pontuados de lirismo e carregados de inventividade. A crônica A rua não é diferente. Vejamos a seguir alguns trechos em que a expressividade se faz presente de forma acentuada.

“(...) a rua é um fator da vida das cidades, a rua tem alma! (...) a rua é a agasalhadora da miséria.”

“A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo.”

“A rua (...) Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios.”

“A rua faz as celebridades e as revoltas, a rua criou um tipo universal, tipo que vive em cada aspecto urbano, em cada detalhe, em cada praça (...) a rua criou o garoto!”

Agora, o grupo deve escolher dois entre os trechos acima e interpretá-los, de acordo com as ideias presentes no texto de João do Rio e com o próprio conhecimento de mundo.

TRECHO 1:

TRECHO 2:

Orientações didático-pedagógicas

Professor/a,

Várias competências estão sendo desenvolvidas nos exercícios. Em primeiro lugar, espera-se que o aluno enxergue no texto desta dinâmica uma das abordagens mais relevantes do período pré-modernista brasileiro. De fato, a excitação diante da modernidade atingiu em cheio o pensamento republicano, que passou a encarar a cidade do Rio de Janeiro como objeto de ostentação do modo de ver e sentir dos novos tempos. A chamada belle époque carioca tornou a cidade o cenário do surgimento dos grandes prédios de arquitetura europeia, sobretudo francesa, que povoam o Centro, o Flamengo e a Glória. É essa visão entusiasmada que emerge da crônica de João do Rio, cujo apelo ao leitor o pressupõe também um entusiasta do processo de modernização. Nesse sentido, louvar a rua é um movimento

metonímico de ultravalorização da urbe. Esse pensamento norteia a questão 2, em que o aluno deve perceber a relação entre modernidade, valorização da vida urbana e exaltação da rua. Fique apenas atento ao fato de que os discursos dos alunos serão variados e nem sempre tão elaborados. O importante é que a ideia defendida na questão seja essa. Aliás, a questão 2 é um desdobramento da questão 1, na qual a turma deverá marcar a primeira opção, a segunda e a quarta. Na terceira não se está exaltando a vida urbana ou a rua, mas o trabalho dos trabalhadores braçais.

A terceira questão se debruça sobre a capacidade de o aluno perceber a relação entre a linguagem e o momento social e histórico. É muito importante marcar constantemente a natureza cultural da língua e sua situação de bem compartilhado na comunidade. Dessa forma, será fácil para o aluno entender as escolhas do autor como condicionamentos também socioculturais, além de decisões estilísticas. Nesse caso, a relação entre sociedade e linguagem fica bem explícita em “haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem”, em que se destaca o uso quase arcaico do verbo haver, e em “a rua criou um tipo universal (...) poeira d’oiro que se faz lama”, em que se percebe a utilização do apóstrofo e a forma em desuso **oiro** para **ouro**.

Finalmente, em relação ao aspecto da literatura como criação de linguagem, você deve aproveitar a oportunidade para destacar o fato de que recursos poéticos não se restringem à criação de poemas. Antes, o conceito de poesia se relaciona ao lirismo proveniente das experiências únicas de estranhamento com o mundo. Tal lirismo, por sua vez, será expresso através de uma linguagem cujos recursos serão variados e aparecerão nas diversas modalidades artísticas que o homem desenvolve. Sendo assim, a turma deverá constatar a existência de inúmeros elementos de poesia – na verdade, de poetização do cotidiano – na crônica de João do Rio. Deve-se perceber que a recorrência à linguagem poética está em pleno acordo com o objetivo do autor, que é promover a exaltação entusiástica da rua como elemento de formação básica da consciência do novo homem e da nova cultura urbana que desponta no Brasil. Aproveite para sinalizar a descrição do garoto, que os alunos deverão reconhecer como o pivete, ou menino de rua, a partir de uma falsa ambiguidade, que parece mostrar sua negatividade, mas acaba por valorizá-lo através das escolhas poéticas do cronista. Os alunos deverão interpretar os trechos líricos destacados seguindo as ideias: 1) A rua é o elemento mínimo dentro do conjunto formado pela cidade, tem características que permitem conhecer a cidade e serve de moradia àqueles que não têm casa; 2) a rua aparece de repente, onde não havia nada antes, é resultado de trabalho árduo e sofrido; 3) o ambiente da rua, como oposição ao ambiente familiar da casa, serve de espaço para ações contra a lei, é perigosa à noite; 4) a rua é o espaço das transformações sociais imediatas, é o lugar onde se fazem clamores por mudanças e se realizam protestos, é o lugar onde os meninos de rua dormem e praticam os atos criminosos que garantem o seu sustento. Ao mesmo tempo, é fundamental que respostas diferentes, que, no entanto, guardam apoio textual, sejam consideradas na hora da correção. Da mesma forma, tome cuidado para não deixar passar interpretações incompatíveis com a sinalização do texto. Os alunos precisam entender que interpretação de textos tem regras sim e que dessas regras depende sua proficiência leitora.

SISTEMATIZAÇÃO

Pré-Modernismo: nome convencional dado à produção cultural posterior ao Realismo/Naturalismo/Parnasianismo/Simbolismo e anterior ao Modernismo. Trata-se de um momento de transição entre o olhar tradicional sobre o mundo e a construção da identidade brasileira. Os escritores e intelectuais desse período estão envolvidos com uma nova realidade republicana. O Brasil é imenso e cheio de contradições e características variadas. Por isso, o foco dos pré-modernistas se volta para vários aspectos da brasilidade.

Produção pré-modernista: conserva elementos das tendências do fim do século XIX e antecipa questões do Modernismo. Divide sua atenção com os seguintes interesses: as diferentes regiões do Brasil, os centros urbanos, os funcionários públicos, os sertanejos, os caboclos e os imigrantes.

Cronologia (arbitrária): 1902 a 1922.

Principais autores: Euclides da Cunha, Augusto dos Anjos, Lima Barreto, Monteiro Lobato, Graça Aranha, Coelho Neto e João do Rio.

ETAPA 3 AUTOAVALIAÇÃO



QUESTÕES OBJETIVAS

Relembrar o que foi estudado e analisado anteriormente é sempre um bom momento para medir o nível de aprendizagem. As questões a seguir servem para isso e são individuais.

Boa sorte!

Leia o texto a seguir, fragmento de um dos mais importantes romances do Pré-Modernismo, e resolva as questões.

Havia um ano a esta parte que se dedicava ao tupi-guarani. Todas as manhãs, (...) estudava o jargão caboclo com afinco e paixão. Na repartição, os pequenos empregados, amanuenses e escreventes, tendo notícia desse seu estudo do idioma tupi-niquim, deram não se sabe por que em chamá-lo – Ubirajara. Certa vez, o escrevente Azevedo, ao assinar o ponto, distraído, sem reparar quem lhe estava às costas, disse em tom chocarreiro: “Você já viu que hoje o Ubirajara está tardando?”.

(...) Sentindo que a alcunha lhe era dirigida, não perdeu a dignidade, não prorrompeu em doestos e insultos. Endireitou-se, concertou o *pince-nez*, levantou o dedo indicador no ar e respondeu:

– Sr. Azevedo, não seja leviano. Não queira levar ao ridículo aqueles que trabalham em silêncio, para a grandeza e a emancipação da Pátria.

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: L&PM, 1998. p. 20-21. (Fragmento).

1. Assinale a opção que apresenta termos e/ou palavras cuja escolha está ligada ao momento social e histórico do romance de Lima Barreto.

- a. Repartição, ponto, escreventes.
 - b. **Doestos, amanuenses, pince-nez.**
 - c. Leviano, emancipação, tupiniquim.
 - d. Jargão, afinco, insultos.
2. Marque a alternativa **incorreta** em relação a *Triste fim de Policarpo Quaresma*.
- a. O apelido dado a Policarpo Quaresma – Ubirajara – pode ser lido como uma referência do autor ao personagem Ubirajara, do romance de mesmo nome, de José de Alencar.
 - b. Um dos temas caros ao Pré-Modernismo está destacado nesse romance: o foco sobre o funcionalismo público.
 - c. Construir a identidade nacional com base na volta à língua tupi-guarani é uma iniciativa ridicularizada no romance.
 - d. **Triste fim de Policarpo Quaresma mostra como é possível traçar a identidade brasileira através da volta ao passado tradicional.**

Respostas comentadas

1. *Apenas a alternativa b é correta, pois traz três palavras cujo uso hoje não se verifica: doestos, que significa acusações injuriosas; amanuenses, designação de uma classe de funcionários públicos que não existe mais; pince-nez, que, embora ainda exista, é um galicismo praticamente desconhecido pela maioria da população. As demais alternativas trazem palavras que, embora não façam parte, na maioria dos casos, do vocabulário dos alunos, são largamente utilizadas em vários setores da sociedade e devem servir como expansão de repertório para os estudantes.*

2. *A alternativa a ser assinalada é a letra d, uma vez que afirma o contrário do que o olhar problematizador de Lima Barreto aponta. Seu romance satiriza a motivação quixotesca do protagonista, que enxerga a verdadeira brasilidade na pureza dos índios, primeiros habitantes de nossa terra. Ao contrário disso, o texto preciso de Lima Barreto apresenta o ridículo e o inviável da situação através das dificuldades enfrentadas pelo protagonista, que vão do deboche de que é vítima no trabalho à impossibilidade de viver naturalmente dos frutos da terra (as formigas saúvas acabam com seu sonho de vida no campo). As demais afirmações estão corretas, uma vez que correspondem ao estofo crítico pré-modernista em relação à construção de uma imagem para o Brasil e o brasileiro: o apelido Ubirajara é uma referência ao Romantismo e funciona como crítica à permanência da idealização do país com base na cultura europeia; a ambientação do romance é o dia a dia de funcionários públicos, sendo o protagonista o principal deles; o retorno ao tupi-guarani é ridicularizado pelos colegas de Policarpo Quaresma tanto quanto é desqualificado pelo narrador através do tom melancólico e patético usado para mencioná-lo.*



ETAPA 4

ETAPA OPCIONAL

PRODUÇÃO TEXTUAL

Você observou que o texto de apoio desta dinâmica, a crônica A rua, traz uma imagem idealizada do menino de rua. Pois bem. Agora você vai recorrer à sua experiência. Pense nessa figura que vagueia pela cidade. Reflita sobre seus desejos e necessidades. Em seguida, elabore um texto tentando caracterizar e explicar o comportamento dos meninos de rua.

A primeira frase do seu texto é:

“pede como se fosse natural pedir”.



Professor

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAURRE, Maria Luiza M.; PONTARA, Marcela. **Literatura brasileira**. Tempos, leitores e leituras. São Paulo: Moderna, 2005.
- BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: L&PM, 1998.
- RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O ALUNO

BARRETO, Lima. **Triste fim de Policarpo Quaresma**. São Paulo: L&PM, 1998.

O romance de Lima Barreto é emblemático do momento de transição entre uma identidade nacional aparentada com a monarquia e a visão europeia de mundo e a necessidade de elaborar uma nova ideia de nacionalidade. Esse romance traça um rico painel das relações sociais entre a classe média composta pelo funcionalismo público e deixa claro o ridículo de se manter apego desmedido ao passado e a posições ultraconservadoras. Ao mesmo tempo, lança um olhar amargo sobre a modernidade.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Na contramão do romance de Lima Barreto, as crônicas de João do Rio inserem o olhar carioca na modernidade que toma de assalto a vida urbana brasileira. É interessantíssimo ver como o cronista consegue captar o novo espírito da cidade, com seus novos transeuntes, as diferentes religiões que tomam conta das ruas do Rio, além de enxergar a criatividade dos tipos vagabundos em arranjar meios de sobrevivência, ora honestos, ora nem tanto.

SUGESTÕES DE LEITURA PARA O PROFESSOR

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Na contramão do romance de Lima Barreto, as crônicas de João do Rio inserem o olhar carioca na modernidade que toma de assalto a vida urbana brasileira. É interessantíssimo ver como o cronista consegue captar o novo espírito da cidade, com seus novos transeuntes, as diferentes religiões que tomam conta das ruas do Rio, além de enxergar a criatividade dos tipos vagabundos em arranjar meios de sobrevivência, ora honestos, ora nem tanto.

